

Orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil

José Vasconcelos-Raposo¹; Álvaro, Mahl²

¹Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

²Psicólogo pós-graduado em Psicologia do Desporto e do Exercício

Vasconcelos-Raposo¹, J; Mahl², A (2005).

Orientação de atletas profissionais de futebol do Brasil. Motricidade 1 (4): 253-265.

Resumo

A orientação cognitiva de um atleta circunda dois tipos de objectivos: 1- desempenhar bem uma performance e, 2- vencer o jogo (resultado). Estas variáveis associam-se ao tipo de motivação dos sujeitos. À orientação cognitiva para o resultado (ego) corresponde uma motivação extrínseca e a orientação cognitiva para a prestação (tarefa) refere-se à motivação intrínseca.

Assim, este trabalho objectivou a análise da orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil de diferentes níveis competitivos, contemplando 529 atletas: 266 integraram equipas que disputavam competições regionais e 263 de equipas que competiam nacionalmente. Para tal, recorremos à utilização do TEOSQ (Duda & Nicholls, 1992), na tradução portuguesa validada por Vasconcelos-Raposo e colaboradores (1995). Uma análise factorial exploratória evidenciou um *alpha de cronbach* de 0.77 na variável *orientação para a tarefa* e 0.79 na *orientação para o ego*. A análise factorial confirmatória, realizada especificamente para a presente amostra, demonstrou os seguintes índices de adequação: $X^2/g.l.=1.984$, $GFI=0.910$, $CFI=0.930$ e $RSMEA=0.073$. Os atletas profissionais de futebol do Brasil obtiveram índices altos quanto à orientação cognitiva para a tarefa ($M = 4.16$) e moderadamente baixos quanto à orientação para o ego ($M = 2.67$). Estes resultados estão em consonância com os valores obtidos em outros estudos que consolidaram a proposta teórica que sugere que os factores intrínsecos são mais importantes do que os extrínsecos relativamente ao nível de rendimento desportivo. Os resultados ainda indicaram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os atletas de nível regional e nacional ($Sig.= 0.000$) na orientação cognitiva para o ego.

Palavras-chave: orientação cognitiva, TEOSQ, futebolistas profissionais brasileiros.

data de submissão: 28-09-2005

data de aceitação: 28-10-2005

Abstrat

Cognitive orientation of brazilian professional football players

The cognitive orientation of athletes includes two types of goals: 1- to master the performance (task orientation) and, 2- to win the match/competition (ego orientation). These variables are associated to the type of motivation that the subjects present. An extrinsic motivation is associated with ego orientation while an intrinsic motivation is associated with task orientation. The aim of the present study was to analyse the cognitive orientation of Brazilian professional football players. The sample included 529 players, 266 of regional competitive level and 263 of national competitive level. The cognitive orientation was assessed with the Portuguese version of the TEOSQ (Duda & Nicholls, 1992) validated by Vasconcelos-Raposo et al. (1995). An exploratory factor analysis showed a cronbach alpha of 0.77 in the task orientation variable and of 0.79 in the ego orientation variable. The confirmatory factor analysis for the present sample, showed the following fitness indexes: $X^2/g.l.=1.984$, $GFI=0.910$, $CFI=0.930$ e $RSMEA=0.073$. The subjects scored high levels in the task orientation ($M = 4.16$) and fairly low levels in the ego orientation ($M = 2.67$). These results support previous studies and sustain the theory that suggests that intrinsic factors are more important than extrinsic factors to the level of performance. The results have shown differences between regional and national competitive level in the ego cognitive orientation ($Sig.= 0.000$).

Key-words: cognitive orientation, TEOSQ, Brazilian professional football players

Orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil

No âmbito do desporto, a motivação é o produto de um conjunto de variáveis sociais, ambientais e individuais que determinam a eleição de uma actividade física ou desportiva, a intensidade na prática desta actividade, a persistência ou abandono na tarefa e em último termo o rendimento desportivo.

Existem várias definições de motivação. No desporto em particular, é um dos termos mais referidos. O termo motivação parece ter origem no vocábulo latino “movere”, em que se constata estar inerente a idéia de movimento, como por exemplo, a marcha, que se utiliza para ir para um lado ou outro². Neste ponto de vista, a motivação está ligada a duas dimensões: a direcção (relacionada com a escolha da actividade através da qual o indivíduo pretende atingir determinado objectivo pessoal) e a intensidade (envolvimento da quantidade de energia que o atleta mobiliza na prática desportiva com vista ao objectivo estipulado).

Weinberg e Gould³⁹ definem este termo justamente dizendo que “motivação é a direcção e a intensidade do esforço”. Vasconcelos-Raposo³⁵ nos traz que a motivação “como sistema, é o compromisso que o indivíduo assume em trabalhar para atingir determinados objectivos”. Samulski³⁰ define a motivação como “a totalidade daqueles factores, que determinam a actualização de formas de comportamento dirigido a um determinado objectivo”

O estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa actividade por longo período de tempo.

Segundo Samulski²⁹, a motivação se caracteriza por um processo activo, intencional e dirigido a uma meta que depende da interacção conjunta de factores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

A visão mais aceita pelos especialistas em psicologia do desporto sobre o conceito de motivação é aquela que considera tanto os factores relacionados ao indivíduo quanto os relacionados à situação, ou seja, uma visão interaccionista.

Teoria das metas para o rendimento (Achievement Goal Theory)

Recentemente, tanto os profissionais de psicologia quanto os actuantes na psicologia do desporto e do exercício têm empenhado o foco de análise das metas (*goals*) para entenderem as diferenças de desempenho^{7, 8, 18, 21, 26}. Na teoria de metas, três são os factores que interagem para determinar o nível de motivação de uma pessoa: as metas de realização, a percepção de capacidade e o comportamento frente à realização.

Para compreendermos a motivação de uma pessoa deve-se inferir o que o sucesso e o fracasso significam para ela. E é através da análise da interacção entre as metas de realização da pessoa e as suas percepções de competência.

De acordo com Vasconcelos-Raposo³⁷, um dos principais objectivos para desenvolver a motivação dos atletas é priorizar os aspectos da prestação e não nos do resultado. Diferenciando-se então, dois tipos de orientações cognitivas: uma para a prestação e a outra para o resultado. Entretanto, este autor afirma que os objectivos dos atletas são as manifestações de seus desejos em conseguir um determinado produto (resultado), de modo que não se deve centrar o trabalho em prol de uma ou outra orientação cognitiva e sim do processo, uma vez que ambas se aplicam a um produto/resultado final, seja o de melhorar o seu próprio tempo numa prova de natação, por exemplo, seja o de vencer essa prova. É neste processo que devem ser propostos objectivos orientados para a prestação e não para o resultado, de modo que é justamente o processo, que nos toma importância neste momento, que se associa às variáveis psicológicas que podem desenvolver a performance. Em que a ênfase não deve ser sobre os aspectos quantitativos da prestação, mas

sim nos qualitativos, ou seja, “deverá encorajar-se o controlo sobre o processo e não no produto”.

Um outro aspecto de fundamental importância indicado por Vasconcelos-Raposo³⁷ recai sobre a percepção das capacidades que os atletas têm de si. Em que numa orientação para a prestação o atleta, ao preocupar-se com a aprendizagem e o melhoramento, não lhe interessa comparar-se com a capacidade dos outros incitando-os “a atribuir o sucesso primeiramente ao seu esforço”, caracterizando-os como empenhados tanto em treino quanto em competição, em que buscam desafios, sendo optimistas acerca da sua capacidade para aprender e melhorar as suas prestações. De outro modo, há os atletas com uma orientação para o resultado mas que possuem uma alta percepção de capacidade devido ao facto de constantemente conquistarem resultados positivos o que lhes mantém motivados. No entanto, quando experienciam seqüências de fracasso, estes atletas desenvolvem índices baixos de motivação demonstrando atitudes de falta de confiança, de modo a evitarem se envolver em “oportunidades de aprender e fracassarem”, preferindo objectivos de dificuldade moderada em tarefas nas quais já possuam uma razoável eficiência. Por fim, temos os atletas que são orientados para o resultado e que possuem baixa percepção de competência (atribuem o fracasso a sua falta de capacidade e o sucesso a factores externos), os quais objectivam impedir que os outros saibam que ele possui uma fraca capacidade de rendimento o que lhes imbricam níveis mais elevados de negativismo em situações competitivas, de modo que estes atletas são inclinados a buscar desafios fáceis em que a vitória é certa ou muito difíceis em que ninguém espera resultados positivos; estes atletas possuem uma fraca capacidade de execução e fraca persistência face ao fracasso.

Segundo Vasconcelos-Raposo³⁷ há uma forte relação entre o tipo de objectivos de realização que os atletas definem e os níveis de negativismo, motivação e auto-confiança, na qual os atletas quando “se preocupam, exclusivamente com objectivos de resultado tendem a, frequentemente, sentirem-se em dúvida e, conseqüentemente, as suas esperanças

em obter o êxito que projectaram são minimizadas”. Sugerindo que de modo oposto, os objectivos de “prestação-processo” “mantêm os atletas motivados por períodos mais longos de tempo, mesmo sem vivenciarem situações de sucesso”, empenhando-se mais nas tarefas.

A adopção de uma ou outra meta, segundo esta teoria, passa pela percepção subjectiva de dois principais factores: 1 – da definição pessoal de êxito e fracasso e, 2 – das habilidades (enquanto competências) para consecução das tarefas; sendo esta última influenciada por mudanças evolutivas, disposicionais e situacionais.

A utilização de uma ou outra concepção de capacidade, tendo em vista tanto os factores pessoais quanto situacionais, implica o sujeito a dois tipos diferentes de orientação: *orientação para o ego* e *orientação para a tarefa*. Assim, denota-se a *orientação motivacional* do sujeito como sendo uma predisposição do mesmo para uma implicação voltada para o ego ou para a tarefa, dependendo da situação que se posiciona frente a ele. Sendo que as situações mais orientadas para o ego são aquelas em que a ênfase maior é dada aos resultados da execução, a avaliação e comparação social, e as situações mais orientadas para a tarefa são aquelas que reforçam a aprendizagem, a melhora pessoal em uma habilidade sem dar importância à comparação.

Portanto, chama-se orientação para o ego/*resultado* (*outcome-oriented goals*) a meta cujo objectivo é comparar-se com os outros e derrotá-los; e orientação para a tarefa (*task-oriented goals*) a meta na qual o atleta busca melhorar em relação aos seus próprios resultados anteriores, optando por normas de referência individual.

É atribuído à orientação para a tarefa o caminho para uma forte ética de trabalho, a persistência diante fracassos e a óptimos desempenhos. Protegendo uma pessoa contra decepções frente a adversários que superam seu desempenho. Por sua vez, não temem a derrota, uma vez que as percepções de capacidade baseiam-se por normas de referência individual. O que tão logo, inclinam à busca de tarefas e adversários moderadamente difíceis ou reais.

Já a orientação para o resultado, induz as pessoas a terem maiores dificuldades em manter uma alta percepção de competência, tendo piores desempenhos. Ao compararem-se com outros, não podendo controlar o desempenho destes, a possibilidade de diminuir ainda mais a percepção de competência já frágil é iminente. Assim, buscam tarefas em que tenham sucesso certo ou situações que sejam tão inferiores que a derrota é praticamente certa e não haverá expectativa de bons resultados pelos outros. Uma orientação voltada para a tarefa se relaciona com maiores índices de motivação intrínseca enquanto que uma orientação voltada para o ego diminui tal motivação, pois o desporto é encarado não como um fim em si próprio, mas como um meio para obtenção de outros fins.

Vasconcelos-Raposo³⁵ identificou que as orientações cognitivas diferenciavam atletas de níveis competitivos diferentes de modo que os desportistas de nível competitivo superior possuíam maior orientação para a tarefa e menor orientação para o ego do que os atletas de nível competitivo inferior.

Silva e Vasconcelos-Raposo³¹ ao investigarem atletas de dois níveis competitivos de futsal não encontraram diferenças significativas quanto às orientações cognitivas de metas.

A predominância de um envolvimento para a tarefa ou para o ego influenciará as atitudes do atleta, as respostas afectivas e os comportamentos em situações de competição.

Entender o complexo mundo desportivo e promover o desenvolvimento saudável de sujeitos que se aplicam nele não é tarefa fácil. Porém a compreensão destes factores propostos pela teoria de metas ajuda-nos a controlar de melhor forma as variáveis que podem influenciar a promoção destas orientações motivacionais e com isto, desenvolver atitudes mais propícias à consecução saudável de seus objectivos.

A concepção do conceito de clima motivacional nos permite verificar como determinados contextos desenvolvidos pelas acções de figuras de auto-

ridade como professores, pais e técnicos predis põe a origem de um ou outro clima psicológico (em relação ao que consideram êxito e fracasso), de mestria ou competitividade, que repercutirá em tendência comportamental de adopção de uma determinada orientação motivacional por parte de educandos, filhos ou desportistas.

As pesquisas (Roberts, Treasure & Kavussanu, 28; Ntoumanis & Biddle, 23) acerca deste tema mostram que um clima motivacional orientado para o domínio ou para a tarefa, relaciona-se a padrões motivacionais mais adaptativos, ao contrário de um clima motivacional de orientação para o resultado. Estudos sobre a implicação de outros significantes como os pais, o treinador ou o professor de educação física, apontam correlações positivas entre o que estes percebem como causa de êxito e a orientação motivacional dos desportistas^{1,3,4,5,7,10,11,12,13,20,25,32,38}. Vasconcelos-Raposo³⁵ identificou em sua pesquisa que os atletas portugueses se sentiam apoiados pelos pais, verificando ainda que o envolvimento dos pais na iniciação desportiva dos filhos teve relação positiva com o nível de prestação; quando comparou atletas portugueses com campeões mundiais identificou que os últimos reconhecem que houve um treinador determinante para o sucesso que obtiveram.

No desporto, os treinadores são um dos grupos de maior relevo de entre os agentes de socialização, na prática desportiva juvenil principalmente. É importante compreender o como e o porquê da participação dos jovens na prática desportiva, considerando-se imprescindível o conhecimento de estratégias, susceptíveis de manter a motivação nos jovens, durante as actividades. Desse modo, ser-se treinador, principalmente no contexto do desporto juvenil, é antes de mais, assumir-se a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento dos jovens, já que aquele é um dos agentes fundamentais do sistema desportivo, e ao estar envolvido nos escalões jovens, tem como competência dirigir correctamente o processo de ensino/aprendizagem e treino. É opinião consensual, a característica plu-

ridimensional da função do treinador, que deve ser um bom gestor, para além de possuir capacidades técnicas, conceptuais e de relações humanas.

Sem o processo da motivação, que relaciona de forma íntima o biológico com o cultural, social e histórico, sem este processo psicológico, não é possível falar de movimento intencional ou sequer especificamente direccionado. Muito menos seria possível dizer que demais processos psicológicos tais como a percepção, a imaginação, a memória, o planeamento, entre outros, seriam utilizados para transformar o meio através da realização de trabalhos. Tudo isto tem uma coerente lógica: não é possível separar a pessoa, como subsistema, do sistema em que se encontra.

Metodologia

Neste estudo contemplam-se 529 sujeitos do sexo masculino, praticantes de futebol profissional no Brasil com idades compreendidas entre 16 e 39 anos. O tempo médio de experiência dos sujeitos enquanto atleta oscila entre 2 e 27 anos.

Destes 529 atletas, 59 (11,2%) são goleiros, 178 atuam na defesa (33,6%), 169 (31,9%) são de meio-campo, e 123 (23,2%) são atacantes.

Dentre os 266 atletas Regionais (50,3%), 153 actuam em equipas da 2ª divisão e 113 em equipas da 1ª divisão daquele estado. Entre os 263 que integram equipas Nacionais (49,7%), 169 estão inclusos na 2ª divisão e 94 em equipas de 1ª divisão.

Instrumento

O TEOSQ (Task and Ego Orientation Sport Questionnaire) na versão traduzida e validada para a língua portuguesa por Vasconcelos-Raposo (36) e com base na base de dados do presente estudo o mesmo levou a cabo uma análise factorial confirmatória para os jogadores de futebol brasileiros cujos resultados são abaixo apresentados. Este objectiva aceder as diferenças individuais na proeminência em ser orientado pela tarefa ou pelo ego em contextos desportivos.

Está constituído por 13 itens agrupados em 2 factores de orientação cognitiva: 1 – orientação para o ego (6 itens) e, 2 – orientação para a tarefa (7 itens).

As respostas ao TEOSQ são dadas numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1= “discordo totalmente” até ao 5= “concordo totalmente”). A avaliação das respostas obtém-se através do cálculo da média dos itens correspondentes a cada orientação cognitiva. Antes de responderem o questionário, é solicitado ao participante para que pense em um momento em que se sentiu o melhor sucedido em seu desporto e respondam as questões baseando-se neste pensamento. Isto dá uma contagem média entre 1 (baixo) e 5 (alto).

Procedimentos

Aos cálculos estatísticos utilizámos o programa estatístico computacional SPSS 12.0.

Quanto à análise da consistência da estrutura factorial dos instrumentos de nossa pesquisa, realizámos uma análise factorial exploratória (AFE). Antes da realização da AFE realizámos os testes de Kaiser-Meyer-Olkin e de esfericidade de Bartlett que nos permitem avaliar a existência de correlações lineares significativas entre as variáveis, condição para a realização da análise factorial exploratória. A partir da AFE serão eliminados os itens com peso factorial inferior a 0,4 ou que estejam representados em mais de um factor. Após a AFE, procedemos a uma análise factorial confirmatória (AFC) para obtermos os índices de ajustamento da estrutura capturada a partir da AFE, nomeadamente: $\chi^2/g.l.$, GFI, CFI, e RSMEA.

No que se refere ao cálculo da significância das diferenças entre médias utilizámos as técnicas de estatística paramétrica, a serem o teste “*t*” de *student* (para nível competitivo) e/ou a ANOVA *one way* (para divisão e posições), de acordo com o número de grupos formados a partir das variáveis independentes. O nível de significância adoptado foi o de $p < 0.05$. Para verificar a influência da idade e do tempo de experiência procedeu-se a correlação de

Pearson, obtendo-se níveis de significância à $p < 0.05$ ou à $p < 0.01$, assim como quanto à verificação da correlação entre as variáveis dependentes.

Resultados:

Análise Factorial Exploratória

Através da realização da análise factorial exploratória e, de acordo com o critério de Kaiser, extraíram-se dois factores com valores próprios (i.e. eigenvalues) superiores a "1", servindo para explicar cerca de 46,6% da variância total identificada nos resultados. Após a extração destes 2 factores, identificamos os valores de fiabilidade interna (Alpha de Cronbach) que apresentavam: orientação para a tarefa (0.77), orientação ao ego (0.79), ambos os valores apresentam-se acima dos preconizados na literatura (> 0.7)

Análise Factorial Confirmatória

Através desta análise factorial confirmatória levada a cabo com a amostra do presente estudo, constamos bons índices de adequação: $X^2/g.l.=1.984$, $GFI=$

0.910, $CFI= 0.930$ e $RSMEA= 0.073$. Todos estes valores são bons indicadores se bem que tivesse sido preferível que o índice RSMEA fosse igual ou inferior a 0,05, de qualquer forma o valor obtido está no intervalo aceite pelo modelo.

TEOSQ

Nível Competitivo

Quando se toma por análise, os níveis competitivos dos atletas, verifica-se que o grupo de atletas Nacionais apresentou valores médios mais reduzidos em ambas orientações de metas do que aqueles que integravam equipas Regionais (Quadro I).

Considerando-se os dois grupos de análise juntos, os valores médios totais foram: orientação para o ego, 2.67; orientação para a tarefa, 4.16.

Os atletas que integram o grupo Nacional apresentam significativamente ($p = 0.000$, $t = 6.755$) menores índices de orientação para o ego do que os atletas do grupo Regional. Porém, a diferença encontrada quanto à orientação para tarefa não revelou ser significativa ($p = 0.387$, $t = 0.867$).

Quadro 1 - Comparação do nível Regional e Nacional quanto às médias das orientações cognitivas.

| | Nível Competitivo | N | Média | Desvio de padrão | Média do Erro Padrão |
|--------------------------|-------------------|-----|--------|------------------|----------------------|
| Orientação para o Ego | Regional | 266 | 2,8866 | ,73029 | ,04478 |
| | Nacional | 263 | 2,4442 | ,77551 | ,04782 |
| Orientação para a Tarefa | Regional | 266 | 4,1831 | ,57531 | ,03527 |
| | Nacional | 263 | 4,1423 | ,50554 | ,03117 |

Orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil

José Vasconcelos-Raposo, Álvaro Mahl

Divisão

Os valores médios apresentados pelos atletas das diferentes divisões se encontram no Quadro II.

O teste de Turkey (post hoc) identificou diferença significativa entre os atletas que integravam divisões regionais e aqueles que compunham divisões nacionais quanto à orientação para o ego ($p = 0.000$, $F = 15.153$). Não havendo nenhuma diferença significativa entre os atletas de mesmas divisões.

Idade

Quanto à orientação para o ego, encontrou-se uma correlação negativa de pearson de -0.024 com $p = 0.589$, não sendo significativa.

O parâmetro que segue é o da orientação para a tarefa: $r = -0.017$, $p = 0.698$. De forma que esta relação não demonstra significância.

Quadro2 - Comparação entre as divisões do nível competitivo dos atletas quanto às médias das orientação cognitivas.

| | Nível Competitivo | N | Média | Desvio de padrão |
|--------------------------|-------------------|-----|--------|------------------|
| Orientação para o Ego | 2.º Regional | 153 | 2,8856 | ,75279 |
| | 1.º Regional | 113 | 2,8879 | ,70198 |
| | 2.º Nacional | 169 | 2,4418 | ,79499 |
| | 1.º Nacional | 169 | 2,4486 | ,74336 |
| | Total | 529 | 2,6667 | ,78429 |
| Orientação para a Tarefa | 2.º Regional | 153 | 4,1821 | ,63259 |
| | 1.º Regional | 113 | 4,1846 | ,48994 |
| | 2.º Nacional | 169 | 4,1133 | ,53880 |
| | 1.º Nacional | 169 | 4,1945 | ,43737 |
| | Total | 529 | 4,1628 | ,54162 |

Posição

Os valores médios apresentados pelos goleiros, defensores, meio-campistas e atacantes se encontram no Quadro III.

Não se identificou diferença significativa em nenhuma das variáveis.

Discussão

A orientação cognitiva de um atleta circunda dois tipos de objectivos, a saber: 1 - desempenhar bem uma performance e, 2 - vencer o jogo. Estas variáveis associam-se ao tipo de motivação dos sujeitos. À qual a orientação cognitiva voltada para o resultado (ego) corresponde uma motivação extrínseca e a orientação cognitiva voltada para a prestação

Quadro3 - Comparação entre as posições dos atletas quanto à orientação cognitiva adoptada.

| | | N | Média | Desvio de padrão |
|--------------------------|------------|-----|--------|------------------|
| Orientação para o Ego | Goleiros | 59 | 2,8333 | ,68997 |
| | Defesa | 173 | 2,6498 | ,74601 |
| | Meio-campo | 169 | 2,6726 | ,80197 |
| | Atacantes | 123 | 2,6030 | ,85131 |
| | Total | 529 | 2,6667 | ,78429 |
| Orientação para a Tarefa | Goleiros | 59 | 4,2107 | ,64237 |
| | Defesa | 173 | 4,1573 | ,50641 |
| | Meio-campo | 169 | 4,1445 | ,53041 |
| | Atacantes | 123 | 4,1731 | ,55877 |
| | Total | 529 | 4,1628 | ,54162 |

Tempo de Experiência

Quanto à orientação cognitiva para o ego, encontrou-se uma correlação de pearson de -0.006 com $p = 0.882$, sendo portanto, não significativa.

O parâmetro que segue é o da orientação para a tarefa: $r = 0.053$, $p = 0.225$, não se verificando significância na relação.

(tarefa) congrega uma motivação intrínseca. Vasconcelos-Raposo³⁷ acrescenta a estas uma terceira, nomeadamente: orientação para o processo.

Assim, quanto à orientação cognitiva dos atletas brasileiros de futebol profissional inferimos que há uma preponderância em orientação para a tarefa ($M = 4,16$) em detrimento de uma orientação para o ego ($M = 2,67$).

Por se tratar de uma amostra de atletas profissionais, estes achados apoiam as proposições teóricas de diversos autores^{6,7,8,18,21,23,26,27,35} que identificam factores intrínsecos como sendo mais importantes para os desportistas do que factores extrínsecos. Estes vários estudos apontam que a adopção de uma orientação para a tarefa imbrica melhores níveis de desempenho do que uma orientação para o ego.

Verificámos que a idade não influenciou de forma significativa na adopção de um tipo de orientação cognitiva. Mais que isso, percebemos que também o tempo de experiência dos atletas não influenciou significativamente nos níveis de orientação cognitiva associada ao ego ou à tarefa. Os nossos dados referentes à idade não se verificam nos trabalhos que relacionam a orientação de metas com o rendimento ²¹ que encontraram diferenças quanto à oscilação daquela variável.

Porém, segundo os nossos resultados, isto nos revela um fundamental aspecto inerente à formação desportiva dos atletas. Pois se a idade e o tempo de experiência não demonstraram provocar alterações significativas no tipo de orientação cognitiva preponderantemente adoptada pelos sujeitos do nosso estudo, sugere-se que esta está ligada ao período de formação de suas percepções subjectivas acerca do que considera êxito e fracasso, que por sua vez está arraigada às suas experiências sócio-culturais nas quais ocorrem as integrações de normas às suas hierarquias pessoais de valores. Assim, prepondera-se, como muitos estudos sugerem, a fundamental importância do papel daqueles que influenciam estes sujeitos, no caso dos atletas, seus pais e treinadores. Isto implica em compreender os aspectos sociais que se relacionam com a orientação das metas de realização. Concordando com Vasconcelos-Raposo ³⁵ ao dizer que “apenas com a conjugação de esforços de treinadores e familiares é possível proporcionar aos atletas um contexto em que os objectivos definidos por estes sejam ricos em significado e afectividade e, por sua vez, são estes que servem de base para manter os atletas devidamente centrados e motivados nas suas buscas de excelência no desporto”. Nicholls ²⁷ já salientava que as orientações cognitivas são assumidas em ser o resultado das experiências de socialização na infância. Mais uma vez referimos a importância da exigência que se faz de experiências positivas na vida de um sujeito, pois a identidade destes constrói-se justamente sobre processos de identificações e espelhamento a partir de figuras representativas na vida destes.

Tal evidência é verificada através de uma apresentação de Vasconcelos-Raposo ³⁵ quando refere que “desde o nascimento até a morte, quer queiramos ou não, estamos condicionados nas acções pelos sistemas de valores, crenças e significados transmitidos pelos agentes sócio-culturais”. Isto porque, segundo este mesmo autor, todas “as formas como sentimos e experimentamos o mundo são condicionadas pela cultura, isto é, a cultura define as nossas necessidades e gratificações, a forma como nos relacionamos com os outros, a forma como nos conceptualizamos a nós próprios como indivíduos e proporciona-nos os meios para exprimirmos as emoções”.

E apesar dos nossos resultados, Treasure e Roberts ³⁴ propõe que é possível mudar a orientação cognitiva adoptada pelo sujeito através da manipulação sistemática do clima motivacional ou estruturas de metas situacionais.

Com relação à posição adoptada em campo pelos atletas, não se mostrou ser uma variável que houvesse diferenças quanto à orientação cognitiva adoptada. A especificidade de cada função em campo não influencia a adopção de uma determinada orientação cognitiva. O que aumenta a importância da influência dos agentes socializadores no meio desportivo quanto à formação da identidade dos jovens atletas, que ao espelharem-se em seus significantes, elegem uma distinta forma de serem seus desempenhos, acordando com uma orientação cognitiva específica. Acerca disso, Rijo ²⁴ afirma que no desporto uma diversidade de valores é transmitida, sendo eles implícitos na sociedade actual ou pré-existente desde a evolução passada; reflectindo os valores culturais básicos do meio em questão, sendo assim, uma forma de transmissor cultural.

E desta forma, a práxis desportiva deve actuar como uma forma de transmitir valores correctos e saudáveis, porém esta qualidade depende directamente do contexto criado nesta relação e também do significado atribuído pelos seus influentes, a ser, treinadores, professores, pais, entre outros. Apóia-nos esta ideia a argumentação de Vasconcelos-Raposo

³⁵ em que para atingir o sucesso no desporto se requer “um envolvimento dos familiares, nomeadamente na consistência destes ao exigirem que os seus filhos no que quer que se envolvam procurem com trabalho árduo e honesto ser o melhor que lhes é possível ser” .

Os dois grupos: Nacionais e Regionais

O que distinguiu os atletas de nível nacional daqueles de nível competitivo regional fora a variável de orientação cognitiva para o ego, que se apresentou significativamente mais elevada nos atletas regionais; quanto à orientação para a tarefa não se verificou diferença significativa.

Tais resultados estão parcialmente de acordo com aqueles apresentados por Vasconcelos-Raposo ³⁵ nos quais identificou que atletas de elite eram significativamente mais orientados para a tarefa e menos para o resultado quando em comparação com atletas de não-elite. Porém, Silva e Vasconcelos-Raposo ³¹ não identificaram diferenças significativas nas orientações cognitivas de atletas de elite do futsal português (selecção nacional e liga).

Entretanto, surge que os atletas dos dois grupos de nosso estudo mesmo sem apresentarem diferenças significativas quanto à orientação para a tarefa, distingue-se no momento em que os atletas de nível competitivo inferior qualificam seu rendimento mais fortemente em relação aos resultados objectivados das competições do que aqueles de nível competitivo superior. E isto nos infere relatar que este tema deve ser abordado conjuntamente, ou seja, de nada adianta elevar uma orientação para a tarefa sem rechaçar a orientação para o ego. O importante, como nos afirma Vasconcelos-Raposo ³⁷, é o processo. Pois os nossos dados indicam que mesmo com uma elevada orientação para a tarefa, a adopção conjunta de determinados padrões de orientação para o ego influi no nível de prestação do atleta. Sendo oportuno referir aqui as considerações de Vasconcelos-Raposo ³⁷ de que o importante no estabelecimento de objectivos de treino é relevar o processo que se usa para atingir um determinado produto.

A orientação para o ego enquanto apoiada numa meta na qual o atleta compara-se com os outros valorizando o resultado de suas prestações ²² actuando de forma a induzir os sujeitos a terem maiores dificuldades em manter uma alta percepção de competência implicando em piores desempenhos, foi verificada justamente nos atletas de nível competitivo inferior: os regionais.

Cabe salientar, que diversas pesquisas têm associado à orientação cognitiva para o ego com atitudes antidesportivas, anti-sociais e com níveis de prestação inferiores; sendo assim, aliado ao facto de ter-se verificado no nosso estudo como a temporal, cresce a importância de possibilitar experiências positivas aos jovens atletas em fase de formação de suas significâncias morais, valorativas, e de personalidade. Martens ¹⁹ salienta que são as experiências vividas nas actividades na relação com seus significantes (pais, professores, treinadores, amigos) que determinam o tipo de influência do desporto na formação de valores, e não, puramente o confronto, a competição ou a modalidade desportiva em si. Acerca desta relação com o formador desportivo, Kane e Larkin ¹⁴ colocam que para ter-se uma correlação positiva entre desporto e valores morais coerentes, deve-se averiguar a qualidade da intervenção de seus agentes formadores, devendo este priorizar a adequação de comportamentos éticos de socialização.

Actualmente, verificamos nas relações sociais de nossa sociedade a valorização pelo “ter” em detrimento do “ser”. Na qual a competitividade é a voga, ou seja, o sucesso é considerado ser alcançado através do resultado (ego). São tecidos padrões de benevolência na rede de signos cometidas na linguagem social, porém na prática o que se verifica é o exercício da luta (por si – ego) geradora de intolerância, indiferença e até mesmo hostilidade perante o próximo; é a dissonância cognitiva entre o que é desejado e o que é real.

É como nos apresenta Kunz ¹⁷, amparado na comparação crítica entre desporto de rendimento e relações de trabalho nas sociedades industriais, em que o homem é transformado numa máquina de rendimento. Os motivos disso não se encontram no

Orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil

José Vasconcelos-Raposo, Álvaro Mahl

desenvolvimento do desporto em si “mas no próprio desenvolvimento das sociedades actuais, onde o rendimento configura-se no princípio máximo de todas as acções”¹⁷. E neste ponto chamamos atenção para um problema decorrente desta visão obsessiva pelo resultado, notoriamente apontado por Korzakas e De Rose¹⁶ ao expressarem a utilização de uma pedagogia do rendimento no processo educacional infantil em que esta, como encontrada hoje em dia, “orienta-se pelo processo de adultização da infância que, no desporto, pode ser exemplificado pela precocidade com que elas são submetidas a treinamentos e competições semelhantes ao contexto adulto, em que se despreza a riqueza das práticas lúdicas em nome de se preparar os futuros atletas”. Apresentando-nos ainda que a lógica desta pedagogia do rendimento é transformar a criança que joga brincando em um atleta que rende jogando e, neste processo, a criança é ensinada a vencer no futuro através de ter que vencer no momento actual de sua infância. Comungando da apresentação da relação dialéctica entre o desporto e a sociedade, apresentada por Távola³³ na qual diz que “a nuvem pragmática que invadiu a humanidade no século XX determinada pela utopia do progresso material, científico e tecnológico levou os processos educativos – os escolares e os dos costumes – a colocar na eficácia, no resultado e na forma, toda a finalidade dos atos humanos”.

É o que verificamos nos padrões de alta competição do futebol brasileiro, onde dirigentes determinam a vitória, a conquista de campeonatos como única razão de seus esforços, pois o sucesso é avaliado em termos da superação de concorrentes, onde técnicos são (re) demitidos considerados como fracassados a cada seqüência de poucos – atribuídos – mal resultados, no qual o torcedor delinea comportamentos hostis frente a apresentações que não sejam a vitória de sua equipa, em que manchetes de jornais apregoam os derrotados com turbilhão de críticas de valoração até mesmo pessoal, onde a televisão veicula modelos de atletas de alta competição em que a vitória a todo o custo é o objectivo primordial em que se baseiam seus comportamentos acompanhados de qualquer carga negativa que ele induz.

Indo de encontro ao que Vasconcelos-Raposo³⁵ nos refere quando diz que “o desporto de hoje resultou da criação de pessoas que no seu dia-a-dia procuraram lidar, de uma forma ou outra, com as condições que a sociedade em que vivem lhe impôs. As forças econômicas e a ênfase no sucesso tornaram-se de tal maneira importantes que influenciaram determinantemente a definição do desporto assim como a organização deste”.

Deste modo, o desporto pode ser um meio de transmissão de bons valores, no entanto, sua qualidade dependerá das situações criadas nesta prática¹¹ e da significância dada pelos agentes socializadores^{24,15}.

Correspondência

Prof. José Vasconcelos-Raposo
Quinta de Prados
Apt. 1013
5000-911 Vila Real
j.vasconcelos.raposo@gmail.com

Referências:

- 1 Almeida, P., Paiva, C., Rodrigues, T. & Sousa, A. (1991). A relação pais-filhos no contexto da competição desportiva. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *As ciências do Desporto e a prática desportiva: Desporto na escola; Desporto na reeducação e reabilitação – Actas* (pp. 213-220). Porto: FCDEF-UP.
2. Alves, J., Paula Brito, A., & Serpa, S. (1996). *Psicologia do Desporto: Manual do Treinador*. Lisboa: Psicospport.
3. Barber, H., Sukhi, H. & White, S. A. (1999). The influence of parent-coaches on participant motivation and competitive anxiety in youth sport participations. *Journal of Sport Behavior*, 22 (2), 162-172.
4. Bengoechea, E. (1997). Relaciones entrenadores-deportistas y motivación en el deporte infantil y juvenil. *Apunts*, 48, 104-108.
5. Coakley, J.J. (1990). *Organized sport programs for children*. Toronto: Mosby College Publishing.
6. Cox, R. (1994). *Sport Psychology Concepts and applications*. Dubuque, Iowa: Brown and Bench-Mark.
7. Duda, J. (1993). Goals: A social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In R.N. Singer, M. Murphey, L.K. Tennant (Eds.), *Handobook of research on sport psychology* (p. 421-436). New York: Macmillan.
8. Duda, J., & Horn, H. (1993). Interdependencies between the perceived and self-reported goal oriented of young athletes and their parents. *Pediatric Exercise Science*, 5, 234-241.
9. Dweck, C. (1986). Motivational processes affecting learning. *American Psychologist*, 41, 1040-1048.
10. Escartí, A., Roberts, G., Cervello, E., & Guzman, J. (1999). Adolescent goal orientations and the perception of criteria of success used by significant others. *International Journal of Sport Psychology*, 30, 309-324.
11. Gonçalves, C. (1988). O Espírito Desportivo na formação do jovem praticante. *Horizonte*, 28 (5), 1-8.
12. Gonçalves, C. (1991). A prática desportiva das crianças e dos jovens: Contributos para o seu alcance educativo e formativo. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *As ciências do Desporto e a prática desportiva: Desporto na escola; Desporto na reeducação e reabilitação – Actas* (pp. 521-532). Porto: FCDEF-UP.
13. Jarque, X. A. (1990). *Preguntas y respuestas sobre la práctica deportiva juvenil*. *Apunts*, 21, 89-93.
14. Kane, M., & Larkin, D. (1997). Physical activity & sport in the lives of young girls: Physical & mental health dimensions from an interdisciplinary approach. *The President's Council on Physical Fitness and Sports Report*. Minnesota University.
15. Kemp, N. (1991). No Desporto dos jovens, os verdadeiros vencedores não são necessariamente os atletas medalhados. *Treino Desportivo*, 21 (2), 3-7.
16. Korzakas, P., & De Rose, D. (2002). Os Encontros e Desencontros entre Esporte e Educação: Uma Discussão Filosófico-Pedagógica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 1 (1), 83-93.
17. Kunz, E. (2000). *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora Unijuí.
18. Maehr, M.L., & Nicholls, J.G. (1980) Culture and achievement motivation: A second look. In N. Warren (Ed.), *Studies in cross-cultural psychology*, (pp. 221-267), Academic Press, New York.
19. Martens, R. (1978). *Joy and sadness in children's sports*. Champaign, IL: Human Kinetics.
20. McElroy, M., & Kirkendall, D (1980). Significant others and professionalised sport attitudes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 51, 645-653.
21. Nicholls, J.G. (1984) Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice and experience. *Psychological Review*, 91, 328-346.
22. Nicholls, J.G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Orientação cognitiva de atletas profissionais de futebol do Brasil

José Vasconcelos-Raposo, Álvaro Mahl

23. Ntoumanis, N., & Biddle, S. (1999). A review of a psychological climate in physical activity. *Journal of Sport Sciences*, 17, 643-665.
24. Rijo, A. G. (2001). Deporte y moral: Los valores educativos del deporte escolar. *EF y Deportes*, 31. Recuperado em mai.2004, de: <http://www.efdeportes.com/efd31/valores.htm>
25. Robertson, I. (1998). O treinador e o abandono dos praticantes jovens. *Treino Desportivo*, 5 (1), 23-30.
26. Roberts, G. (1993). Motivation in sport: Understanding and enhancing the motivation and achievement of children. In R.N. Singer, M. Murphey, L.K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 405-420). New York: Macmillan.
27. Roberts, G. (1989). When motivation matters: The need to expand the concept model. In: J. S. Skinner (Ed.), *Future directions of research in physical education*. Champaign, IL: Human Kinetics.
28. Roberts, G., Treasure, D., & Kavussanu, M. (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationships to beliefs about success and satisfaction in sport. *The Sport Psychologist*, 10, 398-408.
29. Samulski, D. (1995). *Psicologia do Esporte: Teoria e Aplicação Prática*. Belo Horizonte: Imprensa UFMG.
30. Samulski, D. (2002). *Psicologia do Esporte*. Barueri: Manole.
31. Silva, D.N. & Vasconcelos-Raposo, J. (2002). *O Perfil Psicológico de Prestação e Orientação Cognitiva do Jogador de Futsal*. (Monografia). Vila Real: UTAD.
32. Simões, A., Böhme, M. & Lucato, S. (1999). A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista Paulista de Educação Física*, 13 (1), 34-45.
33. Távola, A. (1985). *Comunicação é mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
34. Treasure, D., & Roberts, G. (1994). The perception of success questionnaire: Preliminary validation with an adolescent population. *Perceptual and Motor Skills*, 79, 607-610.
35. Vasconcelos-Raposo, J. (1993). *Os factores psico-socio-culturais que influenciam e determinam a busca da excelência pelos atletas da elite desportiva portuguesa*. Tese de doutoramento. Vila Real : UTAD.
36. Vasconcelos-Raposo, J. (1995) *Tradução e validação de três testes psicológicos: Perfil Psicológico de Prestação, Orientação cognitiva para a tarefa e para o ego (TEOSQ) e Teste de ansiedade cognitiva, somática e auto-confiança (CSAI-2)*. *Ensaio*. Vila Real: SDE-UTAD.
37. Vasconcelos-Raposo, J. (2001). *A Definição de Objectivos: Aplicação Prática à Natação*. Vila Real: UTAD.
38. Vaz, E. (1974). What price victory? *International Review of Sport Sociology*, 9.
39. Weinberg, R., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artes Médicas.